

PMDB definirá posição sobre a dívida externa

Ricardo Hollanda

Até o início de fevereiro do PMDB estará de posse de um documento definindo a posição que o partido deseja que seja adotada pelo governo quanto ao pagamento da dívida externa. Duas posições predominam no momento: fixar o pagamento dos juros ao desempenho da balança comercial brasileira, enviando aos bancos internacionais apenas uma parcela do total; ou então, pagar aos banqueiros 2,5 por cento do Produto Interno Bruto — PIB, o que corresponderia a cerca de cinco bilhões de dólares anuais.

O documento será elaborado pelo economista Celso Lafer, pelo chefe do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas, Paulo Nogueira Batista Júnior; pelo secretário-geral do Ministério da Ciência e Tecnologia, Luciano Coutinho; e pelo presidente da Fundação Pedroso Horta — que foi incumbida de promover os estudos, senador Severo Gomes (PMDB-SP). Concluídos os trabalhos e definido o caminho a ser adotado, Severo Gomes, juntamente com os economistas, se reunirá com o presidente do PMDB e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães (SP) e outras importantes personalidades peemedebistas para dar o tom político final ao texto.

O senador Severo Gomes está em Nova Iorque, nos EUA, onde foi participar dos trabalhos da As-

sembléia-geral da ONU. Durante a viagem o parlamentar aproveitou para manter contato com empresários e banqueiros norte-americanos. Ele retorna na terça-feira ao Brasil, e na quarta deverá se encontrar com o presidente peemedebista, Ulysses Guimarães, em Brasília.

O próprio Ulysses pretende coordenar o processo e terá, no próximo dia quatro, um encontro reservado com o presidente do Banco Mundial, John Conally, em seu gabinete na Câmara dos Deputados. O dirigente do PMDB já demonstrou sua preocupação com a dívida externa quando afirmou que ela não representava uma "sangria" na economia brasileira, mas sim um "hemorragia".

Congresso

O documento final será tirado de um texto elaborado por Celso Lafer e Paulo Nogueira Batista Júnior, divulgado em agosto último, durante 1º Congresso Nacional do PMDB, realizado no Congresso Nacional pela Fundação Pedroso Horta. Batista Júnior disse ontem, que defende ainda as mesmas posições que divulgou em agosto. Explicou que a melhor forma para o Brasil seria o envio para o exterior de, no máximo, dois e meio por cento do PIB. Mas defendeu ainda que a taxa de risco "spread", paga pelo Brasil, seja reduzida, bem como deve ser proporcionado ao país uma reciclagem da conta de juros, refinanciando-se uma parte do total.

Contra a posição defendida pelo membro da FGV, pôde-se levantar que, se resolvessem resistir, os banqueiros teriam uma ampla margem para promoverem pressões. As agências de bancos brasileiros no exterior perderiam seis bilhões de dólares no mercado financeiro internacional, o que provocaria sua falência. Além disso, poderia haver um corte no financiamento às exportações de 10 bilhões de dólares, o que prejudicaria fortemente as exportações brasileiras.

A outra proposta, defendida por Celso Lafer, de vincular o pagamento da dívida a um percentual da balança de pagamentos tem seus defensores e adversários. Citam em sua defesa o bom desempenho conseguido pelo Peru, que adotou há algum tempo a fórmula. Entretanto há os que a criticam, argumentando que os banqueiros internacionais lutariam para aumentar as exportações brasileiras no exterior, retirando do país grande parcela de produtos industrializados e alimentos necessários à população.

Como solução alternativa, o documento aponta uma combinação dos seguintes aspectos: redução das taxas de juros reais; aumento dos recursos fornecidos por organismos multilaterais e agências financeiras dos países desenvolvidos; retomada do fluxo de recursos voluntários do setor privado na forma de empréstimos ou investimentos diretos.